

Vol. 10
Num. 18

— Cartas de Olavo Bilac ■
minha amizade

DESCRIÇÃO DO

— I —

Harto temo, ó Gênio, navegando,
Baldos, em tanto mar, de um se amparou
Pávidos hemoas sóa pola veleidade,
Perdidos quase em pego tanto ávaro;
La bruxoleia o parto cubicado;
Leva-me ao surgidouro munto, e claro;
Dá-me descanso da fadiga intensa,
Após viagem no trabalho imenso.

— II —

Não corro porfioso ao surgidouro
Pra repousar em leitos preguiçosos,
Para fruir contente, a pero d'ouro,
Baldicins de prazeres delectosos;
Melhor vale um suado, honroso louro,
Prémio de meus trabalhos numerosos;
Mas essa árvore pra erguer-se activa, e forte,
Só pega, e cresce sobre o chão da morte!

— III —

Mas ahí que feito este improbo trabalho
(Oh! saibam do futuro os Escritores)
Foi sob um céu de bronze sem orvalho,
Sobre arncito sem frutos, e sem flores!
Em novo Sennaar, sem agzalhu,
Sem linfa, refrigerio aos meus ardores,
No fundo de um deserto inconversavel
Meu Estro pareceu desamoravel!

— IV —

Nesse ermo eternos fiquem, se é possível
O meu nome, e meus feitos ignorados...
Cresça, cegue-se o louro imarcescível
Pra os gênios pelos céus favorecidos,
Que da do zólio boca defectivel
Ficam assim meus feitos libertados!
Ja melhor deu-me Deus: sobra-me a vida,
Que deixo nos meus filhos transmitida.

— V —

Nada sou: nada quero, e nada tenho;
Não me pungem remorsos do passado,
Não me liga ao presente um só empenho;
E nem pelo porvir vivo assustado:
A pedir-vos, meu Deus, bem pouco venho:
Só um resto de vida descansado.
No campo, onde o prasar sorri jucundo,
Longe os convícios do ignaro mundo!

— VI —

Certo que eu o terel, Contrário Pado,
Não nulificará quanto appetço.
Dormir há de o meu corpo sosegado
No leito a que, ó Virtude, das aprécol
Ora não de lúsbos vivo engolfado,
Pois meus destinos por demais conheço;
Hel de um sono dormir d'eterna dura
Sob a campá de humilde sepultura!

— VII —

Mas esse sono já sem fim, sem morte
Não será, nem de leve, perturbado,
Que do feroz tirano ao braço forte
Não se acorda o cadaver espantado!
Antes, antes teu sono, ó dura Morte,
Antes o leito teu férreo, e gelado,
Qu'o hospital de Camões tão miseravel
Ou qu'o cárcere de Tasso dep'oravel!

— VIII —

Mas não, Musa do ou, não desanimes,
Que não serão teus cantos repellidos:
Quando estes feitos não julgarem crimes
Cidadãos no passado agradecidos,
E forem deste feito heróis sublimes
No porvir, d'invejosos protegidos;
Serão por Brasileiros illustres
Meus Hinos patrióticos cantados!...

— IX —

Em honra deste século miligroso
Balba a gente porvir que não creverei;
Comprometer meu estro asás medroso
Em favor do presente não me atreverei;
Sua, despreze meus cantos orgulhoso,
Vingue-se assim do aprégo, que lhe deverei,
Por que é nem um, Em Deus pois confiado
Para o futuro só canto o passado!

— X —

Cândido, verdadeiro, franco, e liso,
Entrego hoje os meus cantos ao futuro,
Ah! mais que o do presente o teu juizo
Imparcial será, será mais puro;
Lá suscetível peitas não deviso,
Por isto apelo para lá seguro,
Em mim d'encônios vãos não há cubica
Eu só quero, ó Porvir, de vós justiça.

— XI —

Mas tu, Anjo celeste da Poesia,
Da Gloria maior estridente,
Dá-me inda o teu favor, dá-me energia,
Para acabar meu canto bellamente!

Quem a tanto sem forças se atreva
Val nos auspícios teus firme de ardente!
Ela, que inda nos resta um campo largo,
Sigamos noas Herói no seu letargo.

— XII —

Neste arroubo felis viu de repente
Que toda a natureza se mudava!
Raio d'eterea luz resplandecente
Na amplidão d'universo tremulava!
Cobriu-se o céu de um brilho resplendente
Em mar de luz soberba a terra arfava;
Suprema a eterea plaga esclarecida
Luz tão fulgente, com a luz do dia!

— XIII —

Para sobre ele então no mesmo instante,
Uma sombra: ele a encara: sobranceira
Depara co'uma nuvem, que brilhante,
Sobre ele lá dos céus desce fronteira:
Dos céus a terra brilha fulgurante
Nos ares a diafana lumieira;
Regrange a luz a cor verde e amarela
Da nuvem, que a seu lado polsou bela!

— XIV —

Regia o vôo à nuvem refulgente
Belo, na candidez, mancebo louro;
Alva a ter do que a luz mais reluzente,
Olhos da cor dos céus, cabelos d'ouro!
Tem riso angelical, e a vista urente,
A boca de rubins era um tesouro!
Asas d'ouro, e esmeralda longo estende,
Nivea clamide ao corpo sabello prende!

— XV —

Em frente a Pedro com divino porte
Para ativo, e o contempla face, a face,
Pedro
"Quem és tu?"

O anjo

— Sou quem vela sobre a sorte
Deste povo feliz, que ora renasce:
Com ele firme, indesejavel, forte
O eterno me uniu num doce enlace;
Velo pois deste Povo sobre o fado,
E Anjo do Brasil eu sou chamado.

— XVI —

— Eis sobre esta nuvem; vem comigo,
Que esta dita suprema hoje alcançaste;
Vem, Herói, que mostra-te quero amigo
Este pais que livre proclamaste!
Nesta nuvem depois irei contigo
Lá onde nem clamando penetraeste;
Lugar só franco a espiritos divinos,
O alcaçar dum anjo, o dos Destinos.

— XVII —

Dize: e Pedro a grimpoou velos de ardente,
Em a força celeste se amparando;
A nuvem se remonta de repente
Té um ponto, onde após ficou parando.
Sobre os olhos de Pedro docemente
O anjo os brandos dedos perpassando,
A visão lhe prolonga, e repetindo
Vê o Herói, qual se fosse ente divino!

— XVIII —

Arfando sobre o solo Brasileiro
Peneirava-se a nuvem pelos ares;
E o Herói neste arroubo prazenteiro
Simultâneo atendia a mil lugares.

Anjo

— Aqui tens do Brasil o Império inteiro!
Seus bosques, serras, prados, rios, mares;
Al tens! Contempla agora a imensidade
Desta terra a qual deste a Liberdade!

— XIX —

— Al tens o Grão-Pará! Quanta riqueza
Esconde em seus desertos numerosos!
Amante dessa gleba a Natureza,
Doou-lhe quantos dons tinha pomposos!
Contemp'a do Amazonas que grandezza,
Rei de tantos vassallos orgulhosos!
Vê, como auzas dos rios o gigante
O seio rompe ao desmedido Atlante!

— XX —

— Al tens o Maranhão também famoso
Na Istória e pelos dons da sua Natura;
Seu seio tão ubérrimo, espaço
Ostenta de um triângulo a figura:
Esse propicio chão gera abundoso
O quanto a humana indústria mais procura;
Olha o ponto, que ativo em seu renome,
Inda de São Luiz conserva o nome!

— XXI —

— Depois a fronte o Piauí levanta,
Terreno criador de tantos fados;
Também sob'o oceano se adianta,
Onde vai entostar um dos três lacos.

Lá vê a Hípiapuba, que agnanta
Aos glus os picos seus de alcantilados;
Que pasceios alegrem sua face,
E onde o gado pingue relva pasce!

— XXII —

— Vê como aqui o Ceará dilata
Um chão, que em produções tantas varia!
Alí se gera o alumen, ferro, prata,
Crescem as árvores da tinturaria,
Em seus frondentes bosques se recata
Alimaria, que tanta ali se cria.
De Jaguaripe a sarra derivando
Outras muitas, que només vão tomando!

— XXIII —

— Rio Grande do Norte aqui se assenta,
Ondada de montes, e colinas;
Que variegados pas:ros alimenta!
Sen solo esconde que abundosas minas!
A Natureza o cabedal lhe aumenta,
Pois que a dotou de providas ralinhas!
D'aquí a serra de Apodí a extrema,
E d'alí a soberba Borborema!

— XXIV —

— A Parnaíba aqui nestes lugares
E' das chuvas dos céus menos regada;
Mas apesar das secas singulares,
Pelo seu algodão será cantada!
Seus vastos areais, bem que a milhares,
Não tolhem a cultura bem regada;
Vê que tão altas serras a rodeam,
Que as nuvens findando nos céus se alte'am!

— XXV —

— Eis Pernambuco, o solo memorando!
Eis onde Camarão, e Henrique Dias
Tanto nome ganharam pelejando,
Dos bátavos punindo as correrias!
D'America a Veneza se espelhando
Vê nas ondas, sob'orba em louçanias!
Aqui tens, des da sua antiguidade,
A pátria do valor, da Heroicidade!

— XXVI —

— Alagoas começa onde esta acaba,
Que pelo São Francisco toda ufana
Ergue a fronte do Atlântico sob'a aba,
Onde cultiva a sacarina cana.
Lá tens a capital, Olha a Mangnaba,
Quem proficuos pantios li se explana:
De Magdalena a vila aqui se erguera,
Que entre as chamas dos bátavos ardera!

— XXVII —

— Eis Sergipe qu'a Oeste os campos ara
Contra uma Natureza de tal sorte,
Que lhe sendo dos céus a chuva rara,
Causa a seca aos quadrúpedes a morte!
Mas contra Natureza tão ávara
Supera o do cultor animo forte,
Que resultado dá pois tão brilhante
De um assiduo trabalho a lei constante!

— XXVIII —

— Al tens o lugar onde (na Bala)
Curvou-se o incola a Hostia consagrada;
Vê sua capital com que ufania
Se ostenta sobre montes sublimada!
Olha o monte Pascal, que no longe via
Cabral, primeira terra dele achada!
Aqui o porto, que primeiro entrará
Onde e da Redenção sinal cravará!

— XXIX —

— Eis a provincia do Espírito Santo
Cel'bre, com as que são mais celebradas,
Como são belas, como valem tanto
As esmeraldas suas tão gabadas!
Seus frondosas matas valem quanto
As das outras provincias mais louvadas
O rio Espírito Santo nela corre,
Dá-lhe seu nome, e n'oceano morre.

— XXX —

— Aqui tens sobre o centro a Ilustre Minas!
Vê que povoação, culto, e grandezza!
Também cultiva as plantas sacrarinas;
Sua argila contém quanta riqueza!
D'ouro, prata, diamantes, pedras finas,
Argamassa seu solo a Natureza!
Irrito, mas sublime, n'outra idade
Soltou aqui um brado a Liberdade!

— XXXI —

— De Goiás a provincia aqui se encerra,
Tão rica de metais, e de diamantes!
Inda imune em seu solo imenso erra
O Inc'la desses serros abundantes;
Pois cobrem inda a face dessa terra

BRASIL — Teixeira e Sousa

Os duros acruás, cal'pós, chavantes!
Olha aqueles dois rios se escoando,
que vão após a Tocantins formando.

— XXXII —

Aqui do Mato Grosso está assentada
A mais central provincia deste Estado;
Sem que mais vasta, e menos povoada;
Sem solo de riqueza amodiada;
Já a terra é bem pouco cultivada,
Com quanto paze um clima abençoado;
Por os amplos rios rasgam-lhe as entranhas,
Rompe as nuvens aspectos montanhais

— XXXIII —

Vê no extremo do sul, lá se dilata
Mantevista provincia tão formosa!
Ve, como sobre a foz do imen-o Prata
Se espalha de jucunda, e deaurada;
Vê como ocupa posição tão grata,
Tão idônea ao comércio, e vantajosa;
Se não varas correndo em vasto plano,
Ceras o Prata um braço do oceano!

— XXXIV —

— E' agora a que vês junto d'aquella
Do Rio Grande é amena e florescente;
Bravos, fortes, invictos, vivem nela
Parilhas, sem medo da romana gente!
Olha, como em seus campos é tão bela,
Como tudo produz de um modo ingente!
Como os campos opimos, abastados
Cobrem matadas de presentes gados!

— XXXV —

— A esta outra provincia aqui se liga
Muito fértil, porem pouco espacosa;
Nela vegeta quanto Europa antiga
Cultiva no ar seio proveitosa;
Pois que todos os grãos, e o linho abriga
Em seu culto terreno cuidadosa;
Do Atlântico mais que outra está banhada,
De Santa Catharina é a chamada.

— XXXVI —

— Rica em clima, e terrenos preciosos
Eis São Paulo, eis a nobre Paulicéia,
cuos filhos té hoje tão briosos
Tem d'ado de va'or subida idéia
O sol vertendo raios calorosos
Torna sobre'a as pontas de Amaleia;
E-se solo será sempre afamada
Pelos filhos que tem a Pátria dadot

— XXXVII —

— Aqui tens a provincia a mais polida:
A mais comercial, mais habitada;
Em custos e riquezas mais subida,
De grandezas e pompas mais ornada!
Do Janeiro a cidade esclarecida,
Por tão vasta bala aso'obrada,
A torrada fronte soberana
Nestas aguas com garbo espelha utana!

— XXXVIII —

— Esta, entre glórias, em fegros anos
Será objeto d'inclitos louvores;

Será má dos Brasileos Soberanos,
Qual hoje é dos Poetas e Oradores!
Um dia apontara nomes ulanos
Na lista de seus Gêneos superiores!
E pelo seu comércio, sempre inteira,
D'América do Sul será primeira!

— XXXIX —

— Vê que vasta bala, alegre, e manias,
A qua' outr'ora apellidaram rio!
Olha a terra dos Orgãos, que se lança
As nuvens, como em fero desafio!
Olha alem pelo mar, como se avança
Do Janeiro não longe o Cabo Frio;
Primeira terra deste ponto achada,
Que de tanta distância é vistada.

— XL —

— Al nome lugar contempla anosa
Uma pequena, e mul pobre cidade;
Tambem a velha Holanda cubiosa
Calrou seu so' com feros maldade!
Lá tens n'adolescência melindrosa,
Tendo agora dols lustras só de idade,
Aquelle, que há de um dia em brando metro
De agrégios louros adornar teu Setor!

— XLI —

— Agora, pois, que has visto esta espacosa
Superfície da terra abençoada,
A ti (terra tão vasta, e tão ditosa)
E aos teus descendentes ostinada;
P'ra alem da atmosfera luminosa
Te leve nesta nuvem sublimada;
Poisemos, pois, desta honra tu és di'na,
Sobre o globo do anjo do Destino.

— XLII —

Falara o anjo amigo desta sorte;
Mas apenas tal dize, se calando,
N'um arranco veloz, impeto forte
Foi aos ares a nuvem se elevando!
Entre os astros após do sul ao norte
Do levante ao poente divagando,
Diversos astros, pelos quais passava,
Junto de Pedro o anjo lhe explicava.

— XLIII —

ANJO

— Vê, rotam, se trasladam nestes ares
Globos, que demandando-os mais se aumentam;
Quam opacos os vês nestes lugares,
Que fulgores á terra não apresentam!
Aqui cerca diversos tem seus lares,
São globos os que estrelas representam,
Sem luz, nesta amplidão equilibrados,
Como o globo em que vives, habitados.

— XLIV —

— Vê o que deixas ao sinistro lado,
Opaco, e como os outros tão sombrio;
E' ele o que por vos sol é chamado;
Vê, um corpo tem luz, um corpo frio!
Os fogos com que a terra o vê cercado,
Que em turbilhões derrega, como um rio,
Procedem da atmosfera luminosa
De que é foco, e obtem luz radiosa!

— XLV —

— Do Eterno a prim'gentia dilecta
Luz, no primeiro dia foi creada;
E do universo a cúpula completa
Em o segundo dia foi fechada;
Masinda assim se d'astros se uncheta
No quarto dia a abobada asuada;
Pois no primitivo dia esta obra sua
Teve luz, mas não teve sol, nem lua!

— XLVI —

— Olha esses, que parecem mais reunidos,
Como em comprida lexão formados,
Lá da terra parecem tão unidos,
E vê, como aqui estão tão separados!
Os clardos de seus corpos despedidos
Subindo uns pelos outros eumentados;
Lunga mancha tão alva ali derramada,
A qua' a Lactea via os homens chamada.

— XLVII —

— O'ha aqueles dols globos mais chegados
P'ra o signo, que chamais de Sagitário;
Aqui estão outros três mais inclinados
P'ra o signo, que chamais signo de Aquário;
Os dols por vos na frente colocados
São, e na cauda os três, de um modo vario,
Do capricórnio; e se tão perto os vemos,
E' porque neie agora discorremos.

— XLVIII —

— Este globo para onde nos lançamos,
Que te parece mais abrilhantado,
E' ele o mesmo globo, que buscamos,
E onde eterno vela o anjo do fado,
Com permissão divina nele entramos:
Por Deus tal privilegio nos foi dado;
Este globo é do que esses mais brilhantes,
E, tendo própria luz, brilha incessante.

— XLIX —

— Estes globos, que vês tão radiosos,
E que estão dos mortais mais apartados,
São os sub'imes lares luminosos
Dos anjos, que ao universo foram dados;
Estes luzindo sempre fulgoresos
Dardejam seus clardos não emprestados;
Por tão longe da terra aqui se encobrem,
Que nem os instrumentos os descobrem!

— L —

Vagando nestes ares cristalinos
Ambos foram poisar, por fim, seguros,
Nesse globo, onde o anjo dos destinos
Sabe (Que Deus lh'os-dice) alguns futuros.
Chegados, o ceticos os sons divinos,
Doces virtut assim dos lábios puros:
Anjo dos Destinos.
"Vem, Herói! Salve Deus o virtuoso,
Que pode nesta Estância entrar ditoso!"

(Fragmentos do Canto XIII de A Independência do Brasil — Poema épico em XII cantos, dedicado, oferecido e consagrado a Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II e Oferecido às Auzias, viúva e filhas do Herói do Poema por seu autor Antonio Gonçalves Teixeira de Sousa — Tomo II — Canto XII — págs. 271/287 — (B. N. IV — 752,2).

Teixeira e Sousa, na opinião de Ferdinand Wolff

Como Macedo Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, do qual mais de uma vez já falamos, em sua qualidade de poeta lirico e dramático, encontrou no romance o gênero que melhor convém ao seu gênio.

A obra de Teixeira Sousa reside sobretudo na invenção de intrigas complicadas, de embroglhos interessantes, de soluções surpreendentes, bem como na veracidade de suas descrições, em suas tendências morais, em suas opiniões serias. Etc tem, ainda mais do que Macedo, o amor do misterioso, e nós o achamos mais natural do que esse outro romancista. E' o interior, porém, na pintura dos caracteres, na veracidade dos dialogos, no espirito. Não sabe, como Macedo sabia, fazer alternar o cómico e o humorístico com o sentimental e o sério; a troia e as palavras maliciosas de Macedo lhe são desconhecidas. Tudo isso torna Teixeira e Sousa muito mais monótono, tanto mais quando as suas tendências o arrastam para a pintura do sombrio e do terrível, para catástrofes e tragédias.

Enquanto em Macedo não é possível deitar de descobrir a influência de modelos francezes, e mesmo a imitação de um autor determinado como P. de Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Sousa ás de certos escritores ingleses, sobretudo as de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Filho do Pescador, Romance brasileiro, pelo menos nos dois primeiros atos de que o seja. O autor diz no prefácio ter querido escrever não somente um livro interessante, mas também um livro moral, apropriado mesmo para a juventude; "Escrevo para agradar-vos: junto aos meus escritos o quanto posso de moral". Mas a personagem principal, a esposa do pescador, é uma criminosa tão imobil, que inspira mais aborrecimento do que interesse. Seu arrependimento tardio e nada menos do que espontâneo, a peitanto mais quando as suas tendências o arrastam para a pintura do sombrio e do terrível, para catástrofes e tragédias.

de assassinato na pessoa do marido, não são de natureza a satisfazer o sentimento moral. Enfim, nesse sentido vemos aparecerem os lados fracos do poeta, que sacrifica com prazer o interesse psicológico e artístico ao interesse mais grosseiro do assunto, e que, para melhor cativar, desdenha a pintura dos caracteres e a sucessão dos factos.

A Providência (Rio de Janeiro, 1854, 8 partes) é muito melhor. E' mesmo o que Teixeira e Sousa nos legou de melhor nesse gênero. Esse romance prova o grande talento de invenção do poeta; além disso, os caracteres são não melhor conhecidos e mais desenvolvidos. Com isso, o romancista nele representa, com uma verdade sã e quase trágica, a idéa moral que faz o fundo de sua composição, a vingança tardia, mas certa, que suspende o criminoso no caminho dos seus malfelicos. O autor nesse livro deu o documento particular de sua força, que reside na descrição de lugares e de costumes. A ação se passa no tempo da

colônia, como é o hábito de Teixeira e Sousa, e nos dá um quadro atraente da vida nas plantações do Brasil. A pintura da povoação de S. Pedro na baía de Araruama e da procissão que ali se fazia no século passado na Santa-Feira Santa (parte II, cap. 2) é muito vivaz e tem alguma coisa de moralistica. Que idéia verdadeira e original de uma paisagem brasileira nos dá a descrição de Campos Novos (parte III, cap. 10)! E' preciso dizer, contudo, que o romance teria ganho muito se o autor tivesse resumido o que deixou de lado diversos episódios demasiado extensos, como a narração das viagens ao Oriente de Felipe e do Padre Chagas. Seria isso muito necessário, ainda mais porque o leitor tem dificuldade de seguir o fio da narração, cujo interesse se palpitante o faz inventar qualquer digressão inútil.

Conhecemos ainda de Teixeira e Sousa dois romances, cujos títulos são estes: "As Fatalidades de Dois Jovens", "Recordações das Tempos Coloniais" (Rio de Janeiro, 1856, 3 237 e seg.)

(Literature Brasiilienne, págs. 271 e seg.)



CÂNTICOS LÍRICOS

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA,

VIA DE CARO FELIZ

A SEUS AMIGOS.



RIO DE JANEIRO.

215, IMPASSADA DE S. DE LUZIA BRITO,

Imprensa da Universidade, 1941.

1941.

Plano de rosto dos "Cânticos Líricos", primeira edição (Rio, 1941)

CÂNTICOS LÍRICOS

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA,

VIA DE CARO FELIZ

A SEUS AMIGOS.

PAULO JOSE SOARES DE SOUSA

Rio de Janeiro,

215, IMPASSADA DE S. DE LUZIA BRITO,

Imprensa da Universidade, 1941.

Plano de rosto dos "Cânticos Líricos", vol. II (Edição de 1942 Rio)

A poesia de Teixeira e Sousa - Lede, e acredite!

Não é protótipo suplicando auxílio literário desamparado, que vai ao Livro. É mistar a aquele, que impiora desculpa mostra sua a la com alguma coisa de mercantilismo, mas vai por tanto imprevisível a vida em carta aberta o tributo ao mundo literário; mas se nesse frangente secreto e inflexível tudo por dentro aprazível, e forte em consideração aquele, que por sinceridade, e não por literário pa-

blica as suas obras, e isso a si consideração, que em meu favor suplico.

Se o ser Poeta fosse tão somente escrever línguas trovas, ou regras no vulgar Poeta; mas certo que a maldade desses Genios foveiros da natureza, e inspirados pelo Cin, assim se remonta de sublime, e a dificuldade de análise: tinha a mais íntima convicção de não ser, não fante no-fo.

(Cânticos Líricos, pag. 71.)

O CAMPO DE BATALHA

Teixeira e Sousa

Sigamos nossa história.

Os dois generais acamparam-se pois na vasta coroa de uma espacosa colina majestuosamente assitada sobre o fundo de um estreito vale que por sua estreiteza, não dava que os indígenas entendessem seus balaiados. Nessa posição a retaguarda dos dois exércitos ligados não podia ser com facilidade cortada.

Uma longa fila de colinas desiguais em suas alturas fechavam este pequeno vale. Ao longe algumas serras impunham seus topos. Lá embaixo passava o Canguçu por detrás do campo luso-hispânico; e pouco adiante depunha suas águas no seio daquele a quem pagava tributo, e rendia homenagem.

Pelas dez horas da manhã do dia que era véspera do da batalha acampou aí o exército luso-hispânico, e gastou todo resto do dia a observar o inimigo por meio de alguns espies: descançou também aí o resto do dia, e quase toda noite.

Na manhã seguinte os cumes das colinas opostas defronte do campo dos exércitos ligados amanheceram cobertos de homens armados. O sol um tanto erguido sobre seu horizonte espalhar sobre os cumes destros pequenas montes, que tornaram o vale, uma luz viva, agradável e brilhante. O dia estava claro, o céu puro, e a natureza bela!

Não deveria ser assim, porque era um dia de mortes e de ruínas.

Os topos das colinas ocupados pelos dois exércitos inimigos pareciam cobertos por uma desfilada chama, e que a cada movimento seu despidia ligeiros raios que tremulavam, e se desluciam logo! Era a luz do sol que refletida nas armas dos guerreiros representava um tal fenómeno.

O exército indígena começou a vergar sua marcha do alto das colinas para o vale, onde começou a formar-se em ordem de batalha, quando os exércitos ligados já estavam no vale, até porque suas forças nem chegaram a um quarto de exército dos filhos das cabanas! Este, estavam armados de espingardas, mas deitas eram poucos, de arco, e setas, clavas, lanças, machados, zapatas, espadas, chucos, etc. os espingardados, e sapatários formavam a vanguarda e retaguarda; no centro estavam os armados de lanças, espadas, chucos, etc. reservados para o acometimento da arma branca.

O exército luso-hispânico não deixou os indígenas se estenderem em todo vale, porque quando do baixeiro das colinas, principiaram a jogar sobre eles a sua artilharia; os filhos das palmeiras fizeram o mesmo, e os dois exércitos inimigos continuaram a tomar posições no vale de baixo de um vito e mortífero fogo. Os inimigos mal chegaram a distância de um tiro de espingarda, do exército luso-hispânico rompeu sobre uma tremenda descarga de mosquetaria, os indígenas responderam com outra seguida imediatamente de uma nuvem de setas.

Logo no começo da batalha os dois generais o português e o espanhol, destacaram do exército duas pequenas divisões que, rodando por trás das colinas, deviam subit-las, e postar-se em seus cumes, onde o vale era mais aberto, para daí oprimirem os índios pela direita, e pela esquerda, e cortar-lhes até a retaguarda, no caso que preciso fosse. Quando os dois generais viram que estas duas divisões estavam nos pontos dados, fingindo fraqueza começaram a recuar, e atrair o inimigo para aquele ponto.

Os índios, flados em seu aultado número em nada disso pensavam. Vendo eles recuar o inimigo, passaram fraqueza, o que era estratagemas, e foram avançando. Os soldados luso e hispânicos, que já tinham chegado



Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.

Retrato de Teixeira e Sousa



44-2-21

A MENINA ROUBADA

ROMANCE ORIGINAL DO SR.

A. J. Teixeira e Sousa

NARRADO POR CARO FELIZ



Rio de Janeiro

215, IMPASSADA DE S. DE LUZIA BRITO,

Imprensa da Universidade

1940.

Plano de rosto do "A Menina Roubada", romance de Teixeira e Sousa. O "Fac-símile" e da segunda edição, de 1939

do aos cumes das colinas, alutaram, e levantaram de suas cumes imensas, e grandes pedras, que cobriam os topos destas colinas, e as deturpavam sob mão. Quando os indígenas chegaram a esse lugar, onde o vale ainda estreito era, os espanhóis e portugueses fizeram rolar sobre elas uma enorme chuva destas grossas pedras. Medonho foi o fragor destas pedras moles rolando pela encosta dos montes! Horripel foi o estrago causado no campo inimigo! E o vale, e as colinas estremeceram debaixo do estrondo que faziam estes imensos corpos ao tempo que se deturpavam numa nova cama! Os filhos do deserto empalideceram; e vendo uma desgraça de mosquetaria partida das colinas da direita, e da esquerda, cair sobre eles após de uma chuva de pedras enormes, começaram a recuar cheios do susto, e do medo! A cavalaria portuguesa, e espanhola caiu sobre eles.

Gomes Freire, que não tinha

consentido que Juliana entrasse em fogo, viu-se forçado a conceder que ele ficasse para dos assaltantes de arma branca. O corpo dos espingardados indios metido em quadrado ainda fez pé contra a cavalaria; mas esta investindo com os outros armados de setas, lanças, espadas, etc., entrou por eles fazendo horríveis estragos! Juliana parecia um leão faminto, salvo de um furo, ou fugido de uma galho, no meio de um rebanho! Já ninguém se opunha a sua raleia matadora. Os indígenas eram instrumentos dos jesuitas, o jovem com seus golpes bem mostrava que no fundo de seu coração havia ódio, e ressentimento contra eles! Por último, investiu contra um grupo, que em roda da bandeira disputava dos portugueses e espanhóis, desodadamente ainda o venciamento da batalha! Mas era de balde, que Juliana abrindo caminho por entre eles com sua

(Continua na pág. 381)

DOIS CÂNTICOS DE

Cântico XII

Venite, et videte opera Dei.
David (Psalms.)

A NATUREZA

Como é grato de um prado,
Que recamam bonitas
Irroradas das lágrimas, que a Aurora
N'alvorada vertes de um dia ameno
Na fresca madrugada.
Contemplar a risinha natureza,
Cogitar a sua lei, sua harmonia!

Que brilhante espetáculo
Desenvolve a minha visão
Com dextra liberal da luz e genio!
Oh! que de maravilhas, que de graças
Desse gênio uberrimo
Com ampla mão a natureza espargiu
Sempre prospera, e sempre amantíssima!

Quebaix majestades,
Que as águas invadas
Por entre o grupo de corados rios,
Adornos do deserto, oh! quem de nada
Vos excluiu a tanto?
Que mão robusta vos criou as nuvens,
E com penedos vos opreme a fronte?

O' borrasco, as ondas,
Tão vazias, como o Orbe.
Que alta dextra, que vos mais formidável,
D'onde não sei, vos trouxe a nossos olhos?
Quem é, que a vossa sanha
Barreiras levantou? Por que receio
Balizas não fragais, vossos limites?

O' rios esdualosos,
Que do impervio busqueis
De baque em baque, com afã, por entre
Humilçes, valas, cordilheiras nobres,
E verdejantes varzeas,
Com altissono estrepito rugais
Ora massas de ouro, ora de argilas!

Quem de caudais tecerdes
Vossos álveos pejun?
Troncos exaltos, troncos, venerandos,
Quem vos trece as rígidas medulas?
Belos festões, corados
De reserendidas flores, donde hevestes
A graça, e odor suave, e o colorido?

Água potente e coradela,
Dize, lá, donde adeja,
Quem te ensinou a equilibrar nas auras
Em vasto adejo as pignitescas usas?
O' provida abelha,
Deste aprendestes, a extrair das flores
O belo dos mortais, nectar dulcíssimo?

Tu, que entre os altos robres,
O' ditador das selvas,
As feras amestoulas, quem te há dado
A força muscular, valida em brios?
Tu, quem te deu, inseto,
Atuta aranha, o teu sutil compasso,
Pra lebo; simular, quadras, e ângulos?

Terror feroz do Nilo,
Crocodilo estafado,
Quem o pranto te deu, com que arremedias
Sobre o já descarnado, e murcho crânio
Carpir o negro crime?
Tu, feio bruto, enorme, donde hevestes
Tão viva compreensão, ó elefante?

Intrepido corcel,
Dos humanos afãs,
O companheiro lido, brío tanto
Nobre partilha, tu donde alcançaste?
O' arrogante touro,
Quem desse régio sobressenho a fronte
Te ornou, pra impávido espantar o lamem?

Tu, maravilha rara,
Melhor das produções,
Este famoso, o homem, donde has vindo?
Que fazes sobre a terra? e por que fazes?
Qual é o teu destino?
Que mão do nada te extralou sublime?
Onde vais? por que vais? qual é teu termo?

Por que a ti desconheces?
Oh! como és ignorante!...
Não sabes porque vives, porque morres,
Nem que sorte te aguarda além da morte!
Lúas, porque não sabes!...
Tal o relógio, que em continuo giro
Seu fator, seu principio, e fim ignora!

O' ente milagroso
Da terra soberano
O teu juízo, compreensão, vontade,
Teu, órgãos, tua vida, ah! em ti tudo
Mistérios são abismos!
Donde vistes pãz nítido e belo
Para em a natureza imperar livre?

O' moles luminosas,
O' coruscantes massas,
Libradas, na expansão do aéreo véu,
Lumes, que o homem de passagem apenas
No âmbito mesquinho
De sua curta vida, a furto pode
Entrever o fulgor de espaço em espaço:

Claros, sublimes corpos,
Que gerações inúmeras,
Per períodos sem conto dos humanos,
No insondável grêmio huacelável
Rugilr tendes visto
Os ovos; ah! dizel, se na massas vossas
De toda a eternidade se não existem?

Astros, sabeis acaso
Que dextra empulante
O ser mais belo lendado há feito?
Sabéis, porque minh'alma em sacro arrebo,
Além da natureza
Se eleva, encontra um Ente, e a e se Ente
Não sabe definir, porque concebe?

Astros, sabeis acaso
Porque preenche meu peito
De fulgênte centelha milagrosa,
Que de mim não nasceu, mas que em mim brilha,
Jucunda se extingui
Na do mundo expansão prodigiosa,
Na Natureza os quadros contemplando?

Astros, sabeis acaso
Quem augustas ideias
Gravou com tão brilhantes caracteres
No loução de meu peito adito breve?
Ideias sublimadas,
Que eu formo, e que o leão formar não sabe
Quem as plantou em mim? donde me háo vindo?

Porém surtos os Astros
Não escutam, se escutam,
Perplexos responder nem se quer sabem!
Tu, coeva do mundo, tu, que existes
Ao todo presidindo,
O' alma do universo, o' Natureza,
Dá que eu te invoque, satisfas o Vate.

Ao menos, me indigita
A sobre-humana dextra,
Que de prodígios tantos povoara
O Céu, a terra, o maldito elemento.
Tu mesma seque foste
O ente soberano, o Ente imenso,
Que do caos arrancou milagres tantos?

Pavorosa retumba
Som pelo Orbe ingente
Eu ouço, eu ouço... que medonho érot!...
Trovão jamaiz assim ressoar soubei!
Donde és, ó voz sublime?
Que ser imenso te despeja horrível?
És voz da Natureza? Oh! não me dades!...

"Eu sou, mortais, (diz ela)
Dos decretos do Eterno
A sabia, a providente executora!
Tudo quanto existir no Orbe vedes
Se curva às minhas leis!
Tudo vive por mim, tudo se agita!
Eu sou, viventes, d'universo a alma!

Tudo por mim existe,
De mim tudo depende!
Dextra, que libra sobre um dedo os mundos
Do confuso extralou-me desse nada!
Dextra, por quem existo!
Existe a Natureza, porque existe
Dos mundos o Arquitecto imenso!... Deus!!!"
Disse; arquejou cansada
E logo ao som sublime
Do nome — Deus — o Sol reverberou
Não vista até então luz mais brilhante!
Os Astros tremularam
Um lácio fulgor mais extremado,
O Céu mais puro azul trajou formoso!

Tremeu a terra pãvida!
E os fugitivos rios
As rotadoras ondas suspenderam!
O mar rugindo em colos sobre as praias
As fúrias esbarrou!
Desabrocharam recedentes flores!
Nos troncos novos germes rebentaram!

Pasmou no mar o peixe!
Urrou no zouto a fera!
Ergueu a agulha exalta o adejo altivo!
Silvou a serpe! Os réptros adejararam!
Alçaram-se os insetos!
Hinos o choro aliado, que jámais
Aurora alguma ouviu, trinou mais baixo!

Falou sublime em tudo
A Natureza angust!
Tudo ouviu sua voz, tudo sentiu
Em si de um Deus o portentoso peso;
E a seu modo tudo
Altas provas brotou do ingente effeto,
Que o nome — Deus — na criatura influe!

Homem, e que fizeste?
Também um Deus sentiste?
Ah! sentiste, bem sei, quem não sentira,
Quando em si mesma a Natureza sente
Um Deus, que lhe deu ser!
Mortal, mortal, co'a Natureza ajude
A crer, a adorar, temer um Deus!

Das preconceitos limpa
De teus olhos a treva,
Nos quadros Naturais, sua harmonia
Espia a vista, e pasma; aprende deles;
Em sua voz estuda
A conhecer um Deus; Canções lhe ensina!
E grato aprende a ser co'a Natureza!

(Pereira da Silva — "Parnaso Brasileiro").

Cântico II

O Dia de Finados.
Eis as cenas do mundo! Oh! quantos entem
Riram-se alices, que hoje em luto encolam
Veem tributar a amigos, e a parentes,
Na morada da morte,
O pranto da saudade!

Dos vivos o pesado ar melancólico,
As lutozas pompas,
Os ciprestes aos mortos conagrados,
O silêncio dos túmulos,
Ah! tudo avisa ao coração do homem,
O, que seja, dizendo,
O mundo e o nada! a eternidade, e o todo!

Lança os olhos, mortal, sobre este quadro;
Vês aqui, do universo amontoados,
Cobiçadas riquezas,
Prostrados diademas, murchos louros,
Mil Solos derrocados,
Mutiladas Tiaras,
Literários volumes, Togas, Mitras,
Alfanges, e Lauréas, Etnos, Lanças?...!

Sobre o ingente montão de lutozas pompas,
A famulenta Morte em pé desceusa!
Com o outro ao ar erguido
Invade firme as auras;
Na dextra empunha o trucidado ferro,
Na sinistra a ampuheta dos espoucos!

Oh! como desenvolve, oh! como estenta,
Da fortuna em despojo, em amplo quadro,
Piano incomensurável!
Oh! como alenta escuta
O baque imperceptível, mal-ouvido
De um bago da incensável,
Rápida, fina arva,
N'ampulheta do Tempo!

Do apogeu dos trofeus
Com feroz sobressenho ao Orbe vibra
A implacável vista,
Num ténue ponto abraça
O mundo; então murmura; e assaz acerto
Sorriso mofador, inquieta zozila!

Que cena pavorosa!
Este ludo mortal, que na carreira
De teus mesquinhos dias,
Tantos crimes forjaste!
Tanto, e tanto a inocência perseguiu;
Olha, contempla, e tremel!...

De par em par as venerandas páginas
Da História abrindo, que terríveis quadros
Ante mim se desabram!
A rap da conquista, ó Macedônio,
Julgaste o mundo inteiro um breve espaço;
Teu patrimônio o creste,
E o; homens escravos de um só homem;
Até Deus te julgaste!
Entre os trofeus existe,
Da idade em meio, vítima da morte;
Mas pra o mundo oprimir, muito viveste!

Entre cerradas Leções guerreiras
Ondulam estandartes, brilham ferros,
Longas plumas oscilam;
Tudo é plano de horror, de estragos, mortes,
Castelos se desalam,
Cidades se prostram,
Baluartes se abatem,

Ardem cebras, moços se consomem,
Ondas de sangue sobre os campos rolam,
Voam de ponto em ponto o ferro, e chamas;
E num espaço deprimido Globo
Eis a copa do inferno,
Na guerra, nesse horror da humanidade!

Sobre os taludos campos
Inútils milhões d'homens stão sem vida!
Chora, já não tens pai, nubl donzel!
Chora, consolo; já não tens esposo!
Irado, chora o feroz anjo, ao qual
Maneço, não tem pai, pai, chora o filho!...

TEIXEIRA E SOUSA

Amudeceu a trompa clangorosa,
O brado da vitória se divulga;
Sua o clarim da fama; envolver em louro,
Lecumme o herói soberbo asoma,
Em tanto horror, com riso, olha os estragados
Em sangue quente os machados espólios
Em torno do tirano se amontoam;
Aqui ovantes seus fiéis setarões,
Ali tristes cativos:
A sorte d'homens, que nasceram livres,
Fos fins do seu gládio está pendente!

Dei de ti nos o Anjo a fronte alçando,
Te no Volume eterno, e diz sombrio:
Fútil, da natureza ingrato filho,
Do seu grêmio arrojado ao impio crime,
Tu, que da tua vida
O tempo, o curso, e a sorte,
Não sabes, como insolito te atreves
Do mortal a dispor da sorte e vida?
Morte! Da natureza ao seio (torna)
A impulsão do Tempo são o baque
Do teu extremo bago! Está já cheio
Do crime, e de vida o teu espaço!
Um pomposo fantasma o teu triunfo,
Tua vida foi sonho! Acaba, ó impio!

Dize. O livro fechou. Troux a queda
De seu baque. Acenou o Anjo do tempo
Da morte ao Anjo: adejo ele devolve,
Entra o ferro, o vital estame corta
Do herói; cai moribundo, arqueja, e morre;
O mundo aplaude, a humanidade exulta!

A sim findam heróis, e assim monarcas,
Deles sombando o Anjo dos destinos,
Do mono eterno o Anjo.
E o Anjo das idades.
Fim a meta comum, o círculo é este,
Dele não trilha além planta de humano!

Avarento mortal, que o ouro adorna,
Em cofres aldrabados;

Cres esse ouro teu Deus, teu bem, e vida?
Qu'enganol teme o Tempo, o Pado, e a Morte!
Para o Pado comprar, a Morte, e o Tempo,
Não valem teus tesouros;
Escala os cofres, goza esse ouro inútil,
E' breve a vida, num momento fuge,
Torna os instantes seus sequer ditosos!
Cavar tesouros o hárdido Mineiro
Encara com desprezo:
Tudo muda, e se acaba:
Num momento póde Iro
Em Cresco se volver, e o mesmo Cresco,
Pão emolar, tão pobre, como um Iro!

Mortal, que calças hoje a humanidade,
Não vés, que és, porção dela, e que outro dia
Também serás calçado?
Breve te aguarda o, fêretro,
Folgar há-de a inocência, e os malvados
Receios de prazer ver-te-ão sem vida!
Tudo ao golpe da Morte geme, e expira!
Esses cedros do Líbano,
Sagrados bronzes, mármoreas,
A memória de heróis,
Que tantas gerações passar teem visto,
Carcomidos do Tempo acabar háo-de!

Como os instantes fogem!
A noite segue ao dia, o dia à noite,
Sucede um tempo ao tempo;
Onde um tempo aparece acabou outro...
Nem o tempo escapou às mãos da Morte!
Até o tempo morreu! Tudo acaba!
Essas do engenho humano obras mais primas,
Milagres do, mortais,
Efezo, Egito, Rodas, e Semiramés,
Caria, e Assíria, Créta, estão por terra!

Mortal, que este ambulante Globo trilhaas,
Ah! crê, que em toda parte onde os pés lançaas,
Fizas humanos ossos,
E humanas cinzas calças,
Amassadas e o pranto, e com sangue
Da miséria e flebil humanidade!

Oh! como é curta a vida! Oh! quantos males
Com ela vincou a mão do Fado!
A' perrimos trabalhos,
Baças enfermidades,
São que os prazeres mal, preponderantes;
Nem vale quase de viver-se a penal!
Aproveita, mortal, tão curto espaço,
Que te deixam viver desgraças tantas;
Que a vida entre desgraças não é vida,
E' duração pesada!
Porrem-te as penas fruições, que em meio
Da vida a Morte asoma, e a Morte é tudo!

Mortal, humano sé, oh! sé piedoso!
Os avitos braços, riquezas, pompas,
Não te douram os crimes;
Ana a santa virtude,
Odeia o vicio, foge ao negro crime;
Quem entre crimes vive, existe em ferro!

Esta morada vé; triste, e sombrio
Domicílio da Morte;
Contempla-te, mortal,
Olha quanto, destróes;

Vé d'um, vé d'outro lado, é tudo mortal
Tua voz sepulcral, mortal, acouso;
Dos atadões diz em som fúnebre,
Nos maurolus súbiles ribombando,

A horrenda voz medonha
Em hedlondo atito:

Tu, que pamas, detem-te, encara um pouco,
Estas urnas contempla, e pensa, e treme!
Oh! vé o, que és, e o, que és, a, que és, a, que és,
Mas a meta, o mortal, do teu orgulho!

Bu fui, como tu és,
Serela, como hoje sou!...

Verdade teme, e adora, que te falta
A pavorosa voz da Eternidade!...

(Pessoa da Silva — "Parnaso Brasileiro").

Teixeira e Sousa, no juízo de Silvio Romero

TEIXEIRA E SOUSA NA
OPINIÃO DE RONALD
DE CARVALHO

Antonio Gonçalves Teixeira
e Sousa (1812-1861).
Foi um mestiço, filho de uma
pobre família, de Cabo Frio,
na província do Rio de Ja-
neiro.

Pouco apenas o ensino das
primeiras letras, foi forçado
em 1822, por aperto pecuniário
dos pais, a aprender o ofício
de carpinteiro.

Muito mister, já em Cabo
Frio, já no Rio de Janeiro,
para onde passou-se em 1825,
desenvolveu-se até 1830. De volta
para a sua cidade natal, foi
denominado mestre-e-cola, em-
prego que exerceu largos anos,
sendo em 1855 despedido do ofício
de mestre do comércio na corte.
Faleceu em 1 de dezembro de
1861.

Foi um homem ativíssimo e
de muito bom caráter. E' o
que se pode dizer. Escreveu
muito, tentando gêneros di-
versos. Publicou duas ou três
trabalhas, um grande poema
sobre a independência do Brasil,
uma espécie de poesia lírica
sobre uma tradição da terra,
grande porção de
cânticos líricos, e seis ou sete
romances.

É uma bagagem literária
bem pesada e de um manuseio
difícil. E' um grande in-
conveniente escrever muito, es-
pecialmente quando esse muito
escrever não obedece a um
plano e a uma idéia dirigente.
Torna-se a obra de um es-
critor desses um material di-
fícil em que perde-se impro-
priadamente o leitor, e de onde
se extrai o crítico, lastimando-
o, o precioso tempo perdido
em atravessar matos e barrancos.

Causa dó a cegueira, a inó-
pria de um escrevinhador, de
um "empunha rore di carta",
de um "tinta e papel".

O mesmo Teixeira e Sousa
não é precisamente um tão
profundo e difuso produtor de
livros. Mas teria andado bem
em escrever menos. Nas letras
as mais das vezes o silêncio é
de ouro, e a sobriedade é sem-
pre de brilhante.

As tragédias e o longo poe-

ma épico fazem mal à repu-
tação literária de Teixeira e
Sousa. Fora melhor que os não
tivesse produzido. Quase o
mesmo se pode dizer de seus
fracos e enfadonhos cânticos
líricos.

Postos estes produtos à mar-
gem, ainda nos restam o poe-
ma lírico e os romances do
nosso escritor para dar-nos a
medida e mostrar-nos a indole
de seu talento.

Apreçamos primeiro o poe-
ta, e façamo-lo rapidamente.
Quando digo que o poeta de
Cabo Frio era bem intenciona-
do, avanço uma verdade. Era
patriota e nacionalista; força-
va por tomar parte nos es-
forços da geração de seu tem-
po no empenho de dotar o Bra-
sil com uma literatura. Então
não tinhamos ainda vergonha
de ser brasileiros, sonhávamos
ainda com a formação de uma
pátria autónoma e progressiva.
Como a mulher perdida que
abre a sua porta ao primeiro
viandante, o espírito nacional
não havia ainda desesperado
de si, não desejava ainda es-
cancar as portas de nossas
casas a quantos desconhecidos
queriam tomar conta delas.
Nacionalismo não era ainda si-
nónimo de atraso e emperna-
mento; era apenas a salva-
guarda das tradições, a con-
sciência de um povo que se
queria formar livre e forte,
aproveitando as lições das na-
ções cultas, sem perder sua in-
dole, sua feição peculiar. O
poeta ainda estava, pois, no
bom terreno.

O romantismo brasileiro no
seu primeiro momento foi uma
propagação do espírito da ve-
lha escola mineira. Ao menos
em parte foi assim.

Depois é que a imitação do
romantismo francês, a maca-
queação, o plágio ignobil do
francismo sufocou em nossa
literatura o sentir nacional.

O poeta estava cheio de boas
intuições, que se não realizam,
ou realizaram-se mal e incom-
pletamente, não tem valor,
são como bilhetes brancos, pa-
péis que nada valem.

E' o caso de Teixeira e Sousa.

Por mais bondoso que eu
queira ser nesta geral excur-
são pelos domínios da litera-
tura pátria, por mais capado
que esteja de dizer merceda-
mente mal dos outros, não po-
sso soltar a minha impres-
são no estudo das obras deste
escritor.

O poeta se me revelou aca-
nhado, ermo de graças, de vi-
da, de movimento, de seiva,
de entusiasmo. Nem força e
masculinidade, nem graciosa-
dade e melgoice. Não tem qua-
se nenhum dos sinais distinti-
vos dos bons poetas, ou ainda
dos poetas secundários, mas in-
teressantes na sua inferiori-
dade.

Poucas leituras conheço em
qualquer literatura tão enfadon-
has e tão nulamente com-
pensadoras, como a do poema
— "Os Três Dias de Um No-
vado".

O estilo é áspero, a métrica
pesada e dura, o fundo um
amalgama de trivialidade e de
fantasmagoria de insuportável
contextura. Nada mais fácil
do que aduzir trechos para lan-
çar ao diante dos olhos dos crí-
ticos as provas absolutas do
que afirmo...

E' bastante indicar ao leitor
toda a conversação no canto
quarto do poema entre o pro-
tagonista Corimbaba e o velho
"Solitário" que ele encontrou
nas brechas de uma mata, e
ainda mais particularmente as
cenas do quinto canto, passa-
das entre o mesmo "Corim-
baba" e os bruxos e entes sobre-
naturais do "Rochedo encan-
tado", onde o moço amante e
recente marido de "Miriba" val-
inquirir do futuro. Oh! leitura
dispendiosa! Peço dispensa de
trazê-la para aqui. Prefiro
mostrar o trecho que me pare-
ceu mais agradável em todo o
poema. São no segundo canto
os descantes entre os dois
amantes: off a noite do novado.
Corimbaba começa e "Mi-
riba" lhe responde. E' por está
forma:

O poema é escrito em ver-
sos brancos na maior parte pro-

saicos. De todo ele o pedaço
mais sofrivelmente legível são
as estrofes rimadas que foram
actua transcritas. O contra-
rio dá-se no "Colombo", tam-
bem escrito em versos soltos,
e onde os versos rimados estão
sempre abaixo de mediores.

Teixeira e Sousa forcejou por
ser nacional: faltaram-lhe, po-
rem, a imaginação e o vigor
artístico. E' em nossa litera-
tura um poeta de ordem ter-
ciária.

Atrou-se denodadamente ao
romance; de 1843 a 1856 pu-
blicou "O filho do pescador".
"Tardes de um pintor ou as
intrigas de um jesuíta", "Gon-
zaga ou a conjuração de Tira-
dentes", "A Providência",
"Maria ou a menina roubada",
"As fatalidades de dois jo-
vens".

Escritos num estilo escura-
do, e em linguagem por vezes
incorreta, acham-se cheios
quase sempre de saltadores,
escondidos, subterrâneos, as-
sassinatos, incêndios, envenen-
amentos, resurreições, e toda
a patacoada, todas as "ficções"
do gênero pavoroso.

De tais romances, os melho-
res são "As fatalidades de dois
jovens", "As tardes de um pin-
tor" e "A Providência". São
estudos da última fase dos tem-
pos coloniais, o descambar do
século passado.

No meio das irregularidades
de uns enredos emaranhados,
destacam-se certas páginas
proveitosas e aproveitáveis.
"O Filho do pescador", a
cena do banquete por oca-
são do casamento de Loura
com Augusto; nas "Tardes de
um pintor", a descrição da ci-
dade do Rio especialmente o
bairro de S. Cristóvão nos me-
lhos e fins do século passado; na
"Providência", a descrição da
Aldeia de S. Pedro e da pro-
fissão dos Passos; nas "Fata-
lidades de dois jovens", a des-
crição de uma festa popular, de
um "samba". Traslada-mos esta
para aqui. E' assim:

E' um dos trechos mais su-
(Continua na pág. 281)

Somente com Manoel de Macedo
e José de Alencar é que a prosa
de ficção tomou fôlego na pró-
pria, ganhou contornos definiti-
vos e avultou nas nossas letras.
Antes da "Moreninha" e do
"Guaraní" houve apenas tenta-
tivas mais ou menos felizes, como
as de Teixeira e Sousa e Norber-
to Silva, todas muito louváveis,
porém de apocada merecimento,
se as consideramos pelo lado pu-
ramente literário.

Teixeira e Sousa (1812-1861)
deixou nas suas obras mais inten-
ções que realizações. Mistico,
como Paulo Brito, o célebre tipó-
grafo seu protector, a "Andara", que
lhe abriu as columnas da "Mama-
mã", para a glória de escritor, e
os cordões da para-bolsa para o
facilitar a vida miserável, o ro-
mancista fluminense não se con-
tentou com os elogios do público
e do Mecenaz, mas trabalhou va-
lentemente a prosa e o verso, es-
crevendo dramas, poemas e narra-
tivas, com exuberância, com um
homem quase analfabeto, sem
grandes recursos de estilo ou de
cultura. Sua prosa é desastrosa,
não tem qualidade alguma apre-
ciável: quando se guind a altura
do gênero épico é simplesmente
risível, e quando consente em
baixar ao lírico torna-se trivial,
insipida, sem graça nem espontane-
idade. Os "Cânticos Líricos", os
"Três dias de um Noivado", e a
"Independência do Brasil" são li-
vros já esquecidos, e muito justa-
mente, porquanto nada há nelas de
bom nem de ótimo, tudo é ali me-
diocre, arrastado e enfático.

Quando ao prosador, não se pode
dizer o mesmo. Teixeira e Sousa,
com o "Filho do pescador", as
"Tardes de um pintor" ou as "In-
trigas de um jesuíta" e "Gonza-
ga ou a conjuração de Tiradentes",
delineou os fundamentos do ro-
mance popular, descritivo e histó-
rico. Os folhetins que estampou
em vários jornais do tempo eram
lidos com interesse, diríamos me-
mo com amor, pelo público, in-
distintamente letrado ou não. Con-
corria para isso a novidade dos
assuntos, a singularidade do estilo e a
facilidade com que ele fabulava.
Aparente de não serem perfeitas as
situações criadas por ele, nem va-
lhosos pelo "conar" os seus tí-
pos romancescos, Teixeira e Sousa,
dadas as condições do meio, foi
um bom operário, um rude mas
relevante obra, a quem devemos
a 1.ª página desastrosa da nossa
prosa romântica. (Frequente História
da Literatura).

Conclusão de um romance -

Teixeira e Sousa

O campo dos ciganos

Teixeira e Sousa

A MORTE DE CLARA

Teixeira e Sousa

o narrador entende que pode, e deve partir-se do trabalho de Clara, e a sua D. Lorde, e a sua filha adotiva. Qualquer coisa pode destas coisas fazer, e não é certo.

Clara, ao sr. Alfredo, quando se viu, Maria, a intenção era aceitar seu amor, e por conseguinte sua vida, a punição dele. Não estava a fundo o caráter de Clara, supõe de si para si que, vendo sua filha salva, e comprometimento seu, que a mãe e substituída a ação não importando a sua pessoa que em sua luta ficava na prisão, pois que não tinha ele nem de copiar. As circunstâncias, porém, mudaram intencionalmente o lugar a que se deve, sem comprometer a pessoa, porque era bem possível que o mesmo caráter fosse perseguido, visto a disposição pública contra o amor e em favor de sua mãe, a vista, pois, das intenções do moço, é impossível não pensar a sua dedicação sublimada e abnegação estupefata, e por isso tomariam Augusto e sua filha esta ação estranha e a verdadeiramente...

Logo após destes acontecimentos, o campo em que se achava a rocha piramidal, em que se achava a capela de N. S. da Penha, estava coberto por uma multidão alegre, folgazana e ruidosa; ondas de povo que se confundiam todas as cores, classes, estados, e ali, com estrondosa alegria, dançavam por sobre uma praça, que rugia de baixo de seus braços, um por entre o outro, de grandes arbustos, e quando cutas andavam em trilha, e o cimo do pedestal, ou da precipitando-se a sua vez.

Naquela hora, elegantemente vestidos, e decentemente iluminados, acompanhados pelas milhares de religiosas musicas, estavam, com majestade sublimada, entre os hinos ao Eterno, os anjinhos Hosannas! Era um momento, amável e sublimado, porque era o da festa de N. S. da Penha; amável, porque antes da missa cantada,

na mesma capela, o Sacerdote do Senhor, ligando nos santos sacros sacramentos, a dois assistentes amáveis, lhe havia dito: — "Amor-vos como Jacob e Rachel!" — sublime, porque um novo Sacerdote celebrava a sua primeira missa! E, pois, um dia maravilhoso!

Os dois conjuges, que ao começar da missa haviam recebido a bênção matrimonial, vestidos, como para essa cerimônia, na qual a religião santificava o amor, estavam ajoelhados pouco distantes do altar, em que se celebrava, ouvindo essa missa nova, com uma devoção verdadeiramente cristã. Por detrás deles, uma grave, e modesta matrona, coberta de cabelos brancos, ouvia esta missa com a mesma devoção dos noivos. Não longe deles, um prelo, anão, decentemente vestido, ali-se e choava com tanto prazer, como um ente verdadeiramente feliz, porque o verdadeiro prazer, o prazer justo e santo, nunca se manifesta sem as preciosas gotas do coração. O leitor deverá, por sem dúvida, conhecer todos esses personagens; o que, não obstante, o narrador entende que não pode nem deve eximir-se à obrigação de aqui consignar seus nomes.

Assim, pois, terminemos a nossa história, por demais longa, por demais informe, pedindo aos pacientes leitores mil desculpas e perdões, declarando-lhes que o novo chama-se Alfredo, a nova, Maria; a matrona, D. Lorde; e o prelo, que com tanto prazer ouvira a sua liberdade, nesse dia recordada, era José Pacheco; e o novo celebrante, chamava-se: Frei Augusto de N. S. da Penha.

(Maria ou a Menina Roubada, página 338).

UM NÃO SEI QUE

Teixeira e Sousa

Resiste, e quero fugir a de amor cruel paixão. Mas de Lilla um não sei que. Exceda o meu coração.

Lilla não tem formosura. Quem a conhece bem vê: Mas tem não sei que do novo. Um certo não sei que.

Não a amo, mas por ela sinto não sei que me excita. Sinto mais um não sei que sempre quando Lilla vejo.

Mal que a vejo o coração. A não sei que não resiste: Tem de alegre um não sei que; Tem um não sei que do triste.

Um não sei que quer que um leito. Que não sei qual é, lhe dó: Mas tem não sei que de esquivar; Tem de terra um não sei que.

Quando se está junto a seu lado De mim mesmo estou na posse; Sinto um não sei que de grato; Sinto um não sei que de doce.

Quando estou de Lilla ausente, Meu corpo a minha alma exige. E sinto em mim coração; Um não sei que, que me alige.

Se em mim fiquem os olhos, creio Que atenta em minha alma é. E neste olhar me parece Que me diz um não sei que.

O sereno olhar de Lilla Não sei por que me aquece; Lilla tem, envolvendo os olhos, Um não sei que, que me encanta.

Não sei por que vendo Lilla Certo não sei que me excita; Diz minha alma um não sei que; O coração me palpita.

Se, o Lilla, quando me vê Em seus olhos tu não mentes. Vem, o Lilla, me explicar. O não sei que, que te sentes.

Se meus olhos te não mentem, O Lilla, mais te não sei que. Que, não sei por que desejo Te explicar um não sei que...

("Cânticos Líricos" — Vol. II, página 36-8).

Esta cidade chamada de Rio de Janeiro, assentada sobre a aba ocidental da baía de Niterói, hoje tão populosa, tão econômica, tão viva, e que, como um câmpio da América Meridional, ameaça, de dentro em pouco, ser um colosso americano, crescendo para descontinuar a olhos vistos, há um século que nem a sombra do que é hoje, então era. O bairro da Misericórdia, como então se chamava, era a principal da cidade; e daí até a Pátria, e das praças de D. Manoel, do Péixe e de Brás de Pina, hoje dos Mineiros, era um tanto acima da rua da Valia, e o que era a principal parte da cidade: tudo mais eram casas salteadas aqui e ali; edifícios que começavam a aparecer e uma nascente cidade, que principiava a sair do nada, estendendo-se por entre as gargantas das colinas, aproveitando algumas pequenas elevações. Já entre um, já entre outro pantano de águas lamacentas e paludosas, de que todo o terreno estava coberto, e de cerrado mangue, cujos fugitivos restos ainda hoje vemos bordando o Aterrado da cidade nova.

A bela praça, chamada hoje da Constituição, era naquele tempo o Campo dos Ciganos, e não passava de um pequeno campo, irregular, pantanoso, cheio de arvoredos, onde algumas pequenas e rasteiras casas, raras, e flutuando no campo, que mais tarde deveria ser uma formosa e bela praça espaçosa. Daí seguia-se por um lado e a sair do grande campo, que hoje chamamos da Aclimação, a rua dos Ciganos, que outra coisa não era além de uma larga estrada entre algumas pequenas casas, cujas janelas eram guardadas de esteras ou rotulas de toquara, em vez das vidraças de hoje e das venezianas; e essas pequenas e irregulares palhoças pareciam mais capelas de aves, que habitações humanas.

Tanto o Campo dos Ciganos como a rua, não tinham estes nomes porque fossem dados arbitrariamente, não que nesse bairro nascente da cidade e coberto de toda a sorte de imundície, e onde se haviam estabelecido uma multidão de egnos, dados a toda a sorte de vícios e de mau costume; e a proporcão que a educação e a civilização avançavam pela cidade dentro, estes ciganos recusavam e se iam embrenhando, como se fossem antipodas da civilização e bons costumes. Ainda hoje os vemos habitando a beira do Aterrado, leadeira do Saco, etc.

Ora, como este bairro da cidade era o menos frequentado e o mais deserto, principalmente de noite, era também ali onde se homisavam soldados desordeiros, marinheiros que abandonavam a marinha real, escravos fugidos a seus senhores, os evadidos de prisões, degradados que haviam acabado seu degredo e, enfim, toda a sorte de bandidos, que se uniam com os ciganos para roubar, matar, etc.

(As tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuíta — Rio de Janeiro, 1847).

TEIXEIRA E SOUSA NO JUÍZO DE SYLVIO ROMERO

(Continuação da pag. 279)

portáveis do estilo de Teixeira e Sousa; ainda assim encerra quarenta e uma vezes os termos "dansa, dançador, dançar, dançava", e outras variantes do gênero.

Não vejo ser mister demorar-me ainda a caracterizar o talento do autor fluminense. Para esse escritor basta uma rápida "silhouette".

(História da Literatura Brasileira, T. 2, p. 744-754).

Voltemos a Clara.

Alta por tantos desgostos, retalhada por tanta dor, fraca por falta de alimento, abalada por tanta vergonha, e aborrecida enfim por tantos sofrimentos, mas ainda assim preparada para este derradeiro golpe cruel, que a despedia de seu coração, porque Clara amava seu pai, muito mais, sua filha podia fazê-lo!

Como morta, em braços de Julião foi levada de junto do leito em que seu pai expirava, para seu leito; ali, por cuidados de um habil médico, tornou a vida, mas não a sua razão! Clara estava completamente local causada do, e horror o vê-la!

Ora se figurava mulher de Julião, e gozando de todas as venturas e supremacias das que de um viúvo e de uma alma terna pode colher!

umas vezes chorava por seu pai, e derramava um duto de lágrimas! Outras, amaldiçoava ao padre Roberto, e a todos as tristes e dolorosas cenas da palhoça em que vivera!

Ao terceiro dia de sua enfermidade perdeu a fala, e o reconhecimento. O venerável padre Jerônimo, irmão de Julião, era quem assistia junto do leito de sua padecimento e quem confortava ao infeliz Julião! No quarto dia a enfermidade tornou seus olhos e os restos dessa beleza insigne apuraram-se nos ruidos dos passos da morte que já dela se aproximava! No quinto dia, pelas dez horas da noite, um rubor rosado cobriu suas faces e seus lábios tornaram-se outra vez de um belo e delicioso carmim! Suas feições se animaram, e da fronte-se bela e até encantadora! As onze horas, abriu seus grandes olhos negros, correu com a vista toda a casa e deparando com Julião sorriu-se para ele e pareceu estender-lhe a mão direita. O mancebo, caindo de joelhos junto deste santo e doloroso leito, tomou esta mão tão cara, chegou-a ao peito sobre seu coração, e depois cobriu-a de ardentes e picadas beijos! O resto de Clara conservou-se sempre em seus lábios; era um rio divino! Seu rosto tornou-se radiante, e alegre, e por um derradeiro, mas milagroso esforço da natureza, ela levantou sua mão esquerda e com o dedo índice, olhando sempre para Julião, apontou para o céu! Depois fechou seus belos olhos, estendeu seus braços, soltou um longo suspiro, e uma lágrima escorreu-se ao longo de sua face! Mas lágrima sadia, era lágrima... quem sabe que lágrima é esta?...

E uma lágrima chorada pelo próprio Deus no coração do homem, no momento em que o punha de seu primeiro criador! no momento em que o degradava de seu primitivo criador, no momento em que o sujeitava à miséria, à morte e à condenação eterna! Porque Deus amava os homens, antes de sua queda, como o melhor de todos os pais, mas no mais virtuoso de todos os filhos. Essa lágrima que desce no coração do homem até que o homem, no momento da mais trágica expansão desse pecado, no momento da morte, a chora no meio de uma dor maior de todas as dores!

E, pois, essa lágrima, gelada pelo bafo da morte, desceu-se sobre o rosto de Clara; ela não fez mais nem o menor movimento! mas seu rosto tinha um fador divino, o sorriso angelical estava sobre seus lábios e seu rosto tinha uma expressão celestial! E estava morta!!! Mas essa morte era boa, como a morte de um santo! e de tão bela que era encantadora, parecia nas faces de tão mimosa virgem! Era uma morte misteriosa!

Estava morta, mas estava bela! Direi que repousava em um sono tranquilo e doce e que nesse doce dormir sonhava, e belo era seu sonho, porque era sonhar com anjos do céu, porque celestial era o mimosa sorriso que divinizava seus lábios, tanto a santidade de sua vida e as graças de seu corpo haviam embelezado os horrores da morte que não apareceram sobre os traços de seus encantos!

Clara expirou sem fazer o menor movimento, como disse, e estava pois morta! Mas a morte não tem de ruim a vida de um santo aproxima-se dele limpa e repulsa, porque ela sabe que seu golpe é um verdadeiro triunfo para a virtude. Assim, pois, a morte se aproximou dela tão mansamente e tão mansamente desfechou seu golpe que ninguém deu dele fé! E estava morta, ninguém e sabia!

Junto do leito em que tinha expirado Clara estava o padre Jerônimo e Julião de joelhos junto a mão de sua amada com copiosas e sentidas lágrimas. Da parte dos pais estava a ama contemplando sua filha de amor e chorando. Algumas senhoras amigas de Clara, um pouco mais afastadas, faziam o mesmo. Mais distantes estavam alguns escravos, índios e melancólicos.

Entre todas estas pessoas reinava o mais profundo silêncio. Era o silêncio da morte! Ninguém se atrevia a perturbar a gravidade religiosa desta agonia santa!

Era passada meia hora depois que Clara expirava e ninguém se havia percebido disso. A ama, olhando atentamente para ela, disse então para Jerônimo:

— Senhor padre, ela está morta...

Julião largou de repente esta bela mão, já entre feia de todo, e recuando, como diante de uma visão medonha, exclamou: — Morta?!

Todos se aproximaram então, e depois de várias experiências, como a do espelho e outras, conheceram que Clara estava morta.

Julião, em um acesso de dor, reconduzindo ao leito de Clara caiu de joelhos e tomando Clara vez acudida para que a morte lhe arrebatava da mão pranteando sobre ela. Iluminou o pôde arrancar daí nem um consolo, nem uma palavra de consolo queria ouvir o mancebo. Só ao ralar desolado, quando foi preciso lavar-se o corpo da finada, foi que tiraram a Julião desse estado de dor e abatimento.

Entretanto, o padre Jerônimo havia rezado por três vezes algumas orações sobre a defunta, e esparido sobre ela algumas gotas d'água benta.

O padre Jerônimo e alguns amigos de Paulo determinaram o enterro, que teve lugar nessa mesma tarde e no convento de Santo Antônio, junto da sepultura de seu pai. Clara, a mais bela, a mais virtuosa de todas as mulheres, teve o seu derradeiro leito!

("Tardes de um pintor" — Capítulo XXXVIII.)

O CAMPO DE BATALHA

(Continuação da pag. 277)

Uma espada, e atropelando o debaixo dos pés de seu cavalo, apoderou-se de sua balastrada, já em poder do inimigo, lançando morto por cima daquele que a sustentava! O cavaleiro lançou nos filhos do inimigo e o terror que deles apoderou foi tal, que nem em um instante o inimigo não se moveu. Então o moço, com o auxílio de alguns cavaleiros inimigos, entrou o quadrado, e o terreno diante de Julião, e o resto de seus olhos de fogo, e os soldados espavoridos, e o moço se o quadrado! A continuação da história do campo de batalha, e a vitória desce sobre o campo. As armas luxu-hispanas trouxeram as armas dos soldados dos padres da Companhia de Jesus!

Papeis abandonaram o campo de combate, e medrosos se retiraram nas brechas, deixando o campo fureado de cadáveres, de mutilações de guerra, e três peças, e imensos feridos, entre as mãos de vencedores!

Era pouco depois do meio-dia quando a vitória se decidiu pelas forças aliadas. Os vencedores recolheram todos os despojos dos vencidos, e Julião, admirado e aplaudido de todos, e bebeu os emboras desta vitória, tendo pelejado numa batalha em que combateram dois mil e quinhentos portugueses e espanhóis contra dois mil indígenas!

("Tardes de um pintor" — Capítulo XVIII, págs. 94-101).

PAULA BRITO

Não, suplemento dedicado a Teixeira e Sousa, não seria justo esquecer o nome de Francisco de Paula Brito — o grande amigo, o protetor, o companheiro assíduo do romantismo.

Paula Brito era humilde, modesto, filho do gente camareira, filho do carpinteiro Antunes Duarte — o Sr. Maria Joaquina da Cunha Brito, de nascença, morreu em 2 de dezembro de 1892.

Paula Brito nasceu em 1821, como primeiro das crianças de S. Miguel, fundador do "Jornal da Manhã", criador, em 1841, da "Revista". Abriu uma loja de livros, que logo ficou famosa. Ali receberia diariamente seus amigos, entre os quais estavam os grandes figuras da vida brasileira, como Ferreira da Veiga.

Publicou jornais satíricos e fez versos para livros de contos de S. João, Santa Antônia e São Pedro, e outros, com isso, razoáveis lucros.

Mais tarde, adquiriu a "Mariposa". Ali Macedo publicou, em folhetins, a "Aventina" e "O Forasteiro", ali Teixeira e Sousa publicou, por duas vezes, a sua "Linha ou a Menina Roubada".

Foi nos últimos anos da década 40-50 que Paula Brito recebeu em sua loja um jovem mestiço, franzino e avanhado, que era seu revisor de provas, Machado de Assis. O futuro romancista começou a trabalhar na "Mariposa" e se lançou na "Petalógica". Era a "Petalógica" uma sociedade literária e salubre mundana, meio

indefinida, e que ficou muito famosa; a ela pertenciam os principais nomes da época. O maior de "Braz Cubas", mais tarde, a evocará com uma grande saudade: "Cada qual tinha a sua família em casa; aqui era a família da rua — a 'madroneira' em vulto — entrar ali era tomar parte na mesma coisa. Aí vem aqui, por metáfora, porque o Licurgo daquela república assim o entendia, e assim a entendiam quantos transcorriam aqueles anais. E por isso, além do último acontecimento influente? Era ir à Petalógica. Da nova opereta italiana? Do novo baile do E...? Da última peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não precisava ir mais longe; era ir à Petalógica.

Os petalógicos, espalhados por toda a superfície da cidade, lá iam, de lá saíam, apenas de passagem, colhendo e levando notícias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desdém de os próprios negócios de um minuto sequer". (Crônica da seção "Ao Avesso", do "Diário do Rio de Janeiro", 3-1-1865. Apud Lucia Miguel Pereira, "Machado de Assis", pag. 65-66).

Assim, fixou-se como um dos troços mais dignos de atenção da figura de Paula Brito a amizade e o carinho que ele dispensou à sociedade tímida, balbuciente e atormetada do maior dos nossos escritores.

Paula Brito deixou aos críticos a impressão de ter sido

um escritor de muito boa vontade — mas imediatamente melancólico. E, essa, pela menos, a impressão que recebíamos em certos estudos dele, como na azeda referência que a ele faz José Veríssimo. Tudo se vê, isso, em um trecho de um artigo desse crítico que transcrevemos em uma das páginas deste suplemento.

A significação que Paula Brito teve no mundo literário brasileiro dos meados do século passado se explica pela sua formação pessoal, pela simpatia com que ele acolheu e amparou a todos, por essa capacidade despreendida de admitir sem nenhuma inveja, que foi sempre o belo apatário de sua alma. Quando ele morreu, seus amigos compuseram um "Mamemento à memória de Francisco de Paula Brito", e nessas páginas está expressa a gratidão que ele deixou, a gratidão pelo bem que semeou em todos.

Tal sentimento de gratidão foi também expresso por Moreira Azevedo, quando prefaciou as "Poesias" de Paula Brito. Eis algumas de suas palavras ali:

"Anava a mocidade de talentos, fazendo por ela todos os sacrifícios. Era nos seus jornais que os jovens iam-se exercitar na literatura, era aí que todos começavam. E quando o jovem escritor obtinha uma glória, não queria que repartis-se com ele. — 'Tudo deve ao seu talento e não a mim'. Eis o que dizia Paula Brito! Mas conhecia-se que se regostava, quando lia os elogios dirigidos ao escritor, que crescera à sua sombra. E não era só a mocidade talentosa que encontrava tanta proteção em Paula Brito. Os nossos melhores literatos e poetas mais distintos eram seus



Paula Brito, poeta e comerciante, grande amigo de Teixeira e Sousa, que muito o ajudou em sua vida literária

amigos. Esses também ouviam elogios do homem amante das letras, a esses oferecia também os seus prelos para ver publicadas obras, que deviam ilustrar o país. E Paula Brito, que tanto fez pelas letras, que era dotado de tanto talento, ele, o Mecenas da mocidade, nada conseguiu para si: viveu e morreu pobre. Excessivamente modesto, evitava os elogios e recusava os louvores, que lhe eram merecidos. Nunca quis imprimir uma obra, porque o autor líria tinha dedicado; nunca conseguiram tirar-lhe o retrato. Era ainda vivo quando pediu-lhe espontaneamente para escrever a sua biografia. "Nada megera, doutor; lembre-se dos homens eminentes e não de mim". Eis o que respondia-me o homem modesto, que fazia tanto por todos, mas que não queria que ninguém fizesse nada por ele". (Apud Elza Pontes — "A vida contraditória de Machado de Assis", pag. 41).

Paula Brito, como escritor, foi um trabalhador infatigável. Deixou a seguinte obra:

"A Mulher do Simpão ou a Humilde exaltada", período

diário em verso, (1832, 1841, 1844 e 1846);

"A marmota da Corte", periódico recreativo e satírico (1849 — 1852);

"A Guanabara" (1850-1856). Esta revista teve como diretores Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Macedo e Gonçalves Dias.

"Oferecida aos Brasileiros, pela feliz consolidação de sua independência";

"Elegia à morte de Ferreira da Veiga";

"Fábulas de Esopo em quadrinhos";

"Poesias" (publicação postuma, com prefácio de Manoel Duarte Moreira de Azevedo);

"O triunfo dos indígenas", drama;

"Os Sorvetes" (comédia);

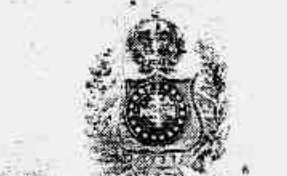
"O foliote fanfarrão", comédia;

"A masambomba" (comédia);

"Norma", tragédia lítica, dois atos (tradução);

"O Caribano", ópera em três atos (tradução);

"Biblica das Senhoras", moral e divertida.



TYPOGRAPHIA

F. DE PAULA BRITO

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL

10 - PRACA DA CONSTITUICAO - 65

Handwritten text and signatures, including a large signature at the bottom.

PECADO ORIGINAL

Oh! árvore da ciência!
Dizem que o traje antigo da inocência
Rasgou a um beijo...
Os deuses o vedaram
Ao homem primitivo?
Não, de certo!
Foram eles, os deuses, que inventaram
O beijo, porventura?
Ele me pôs o porão aberto:
Nela bebi toda a sabedoria,
Toda a ciência defusa à criatura,
E tanta quanto os deuses, desde o dia
Em que o beijo senti, me sinto sábio!...
O teu fruto interdito,
Oh! árvore da ciência e dos amores
Caiu, quando me caiu da lábio
O beijo...
O beijo era o interdito fruto?!
Mas nem por isso escuta
O alto clamor dos deuses no infinito
Nem por isso coléricos os vejo
Roivando vingadores
Contra o pecado de um primeiro beijo.

(Novidades 27.7.88)

RAIMUNDO CORRÊA

Um pequeno documento literário. — Folha de 50000, passada por Francisco de Paula Brito, a Francisco José Marques de Abreu. A importância recebida é por respondente ao verso da impressão das "Primaveras".

"A CANÇÃO DA VIDA" DE



J. KRISHNAMURTI

ADVERTÊNCIA

A aquisição da Verdade é uma experiência absoluta e final.
Eu forneci a criar-me segundo a Verdade.
Não sou poeta. Apenas procurei traduzir em palavras o meu processo de conhecimento íntimo.
— Krishnamurti.

— I —

Faze do teu desejo o desejo do mundo;
Do teu amor o amor do mundo.

No teu pensamento apodera-te do mundo;
Nas teus alas passa o mundo contornando a tua eternidade.

Podes tirar muita água de um poço;
Mas nunca poderás apagar a sede dos teus desejos.

Tu coração pode guardar a flor do teu amor;
Mas, com a chegada da morte, essa flor murchará.

Tens pensamentos podem vejar a almas finas;
Mas, em conflitos anárquicos, estão prontos a esferaridade.

Como as flamas lançadas por um braço hercúleo,
Deixa que os teus desejos entrem profundamente na Eternidade.

Como o riocho da montanha, que é puro na sua
Deixa que o teu espírito corra entusiasmadamente para a liberdade.

Minha voz, que desperta do mais fundo do amor,
É a voz do entendimento,
Nascida da infinita tristeza.

— II —

Quem pode dizer se o teu coração está limpo?
Quem pode dizer se o teu espírito está puro?
Quem pode dar a satisfação do teu desejo?
Quem pode curar-te da ardente dor da saciedade?

Haverá quem te dê o conhecimento,
Ou quem te indique o caminho do amor?

Poderás fugir àquele pavor que os homens chamam
Poderás afastar de ti a dor da solidão,
Ou fugir ao grito da saudade?

Poderás esconder-te atrás do sorriso da música?
Ou poderás perder-te em divertimentos alegres?

A sabedoria há de nascer do conhecimento.
Ela faz ouvir a sua voz
Ainda no deserto das confusões completas.

Um homem viu sombras que se agitavam
E saiu em busca da causa de tantas belezas.

Pode a vida morrer?
Olha nos olhos do teu vizinho.

O vale dorme, escondido na escuridão de uma nuvem.
Mas o cimo da montanha é sereno,
Contemplando o céu aberto.

Nas margens de um rio sagrado
Um peregrino repete um cântico incessante.
E, enclausurado num templo frio,
Um homem ajoelha-se, perdido num murmúrio (devoto).

Olha: sob a poeira pesada do verão
Dorme uma folha verde.

Uma vereda zoe, devagatinho, do lado da mon-
tanha.
Quem quicará carregar-te por ali, como o seu fardo?

Eu vi um aleijado que caminhava para mim.
Minha recordação dolorosa teve lágrimas.

Na imensa distância
Uma estrela solitária ocupa todo o céu.

— III —

O fim de cada coisa está no próprio começo.

Sufocado, escondido,
Ele espera a sua libertação
Pelo ritmo da dor e do prazer.

Telhado na agonia do Tempo,
Aleijado na angústia íntima do seu crescimento,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo.

Está procurando o momento do êxtase iluminado.

Moldado na poeira do equilíbrio,
Colhendo a riqueza das pesquisas da vida,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vai caminhando para o coração de todas as coisas.

No santuário secreto do desejo,
Através do, recessos de um amor envolvente
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vibra a canção da Eternidade.

Na infinidade das coisas visíveis e invisíveis,
Na sucessão dos nascimentos e das mortes,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Une os espaços de separação.

Perdido na adoração ardente,
Destituído das vis pesquisas do pensamento,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vai-se fundindo no Ininterruptível.

Como sempre, oh, Bem Amado,
O Ego é ainda o Todo!

— IV —

Ouve, anjo!
Eu te falei do secreto perfume da Vida.

A vida não tem fidelidade,
Nem as memórias afetivas do pensamento.

A vida não tem religião,
Nem adoração em cantos profundos.

A vida não tem Deus,
Nem o fardo de tantas crenças místicas.

A vida não tem moradia,
Nem a tristeza dolorosa da última deterioração.

A vida não tem prazer nem dor,
Nem a corrupção dos amores implacáveis.

A vida não é boa nem má,
Não é dura punição do inconsciente pecador.

A vida não dá conforto,
Nem repouso no santuário do esquecimento.

A vida não é capricho nem malícia,
Não existe nela a separação cruel da ação e da
inação.

A vida não contém a morte,
Não tem o vazio da solidão na sombra do Tempo.

Livre é o homem que vive na Eternidade,
Porque a vida é.

— V —

Sou mil olhos com mil vistas,
Sou mil corações com mil amores.

Sou como o mar:
Sou receptivo aos rios limpos e os rios impuros
E lhes é indiferente.

O lago da montanha é profundo.
As águas da nascente são claras.
Meu amor é a fonte escondida de todas as coisas.

Ah, vem até aqui e prova do meu amor!
Então, como o lótus que nasce numa tarde fresca,
Hás de encontrar o mais secreto desejo do teu
coração.

O perfume do jasmim enche todo o ar da noite.
Da floresta profunda
Chega o apelo do dia que vai morrendo.

A Vida do meu amor tornou-se leve, leve.
Seu fim é a liberdade da realização.

— VI —

A divindade do amor é o próprio amor.
Se, quando o segures,
Souberes desprezar os fardos
De um espírito artificial,
Então, te acharás livre do pavor
Das espumas inquietas.

O amor não é limitado
Pelo tempo nem pelo espaço.
Nem pelas tristes criações do espírito,
Um tal amor deleita-se
No coração daquele que muito caminhou
No caminho das próprias pesquisas do amor.

O Ego, o Bem-Amado,
A escondida beleza de todas as coisas,
É a inevitabilidade do amor.

Oh, por que procurar mais?
Para que mais ames?
Na poeira de um amor sem cuicados
Achás-te a viagem sem fim da vida.

— VII —

Amas a Vida.

Nem o começo, nem o fim da Vida, podem explicar
Ide onde é que ela vem.

Porque a Vida não tem começo nem fim.
A Vida é.

Na realização da Vida não existe morte,
Nem a dor da grande solidão.

A voz da melodia, a voz da desolação,
O riso, o grito da tristeza,
São apenas a vida no seu caminho de realização.

Olha nos olhos do teu vizinho,
Ali há de encontrar-te diante da vida.
Ali está a imortalidade,
A vida eterna, que nunca se modifica.

Para aquele que não ama a vida
Existe o fardo maldoso da dúvida
E o pavor da solidão.

Para ele a vida é a morte.

Amas a Vida?
E a tua ignorância conhecerá a corrupção.

Amas a Vida? e o teu julgamento te sustenta ali.

Amas a Vida? e não te extraviarás
Das caminhos do entendimento.
Amas a Vida? e não te extraviarás
Das caminhos da terra não dividida.
Amas a Vida? e não te extraviarás
Das caminhos da vida
E não te extraviarás da vida.

Não adoras os deuses antigos
Com ilusões e fobias.
Mas ama a vida com grandes alegrias.
Cria tua vida de alegria.
Não há conforto no movimento da vida.

Dessa vida, imortal e livre,
Eu sou a eterna fonte.

É essa a Vida que eu canto.

— VIII —

Não procura o perfume de um só coração
Nem denuncias ao teu íntimo conforto.
Porque a morte
O pavor da solidão.

Eu chorei
Porque vi
O vazio de um único amor.

Nas sombras que se agitam
Jaz uma flor murcha.

A adoração de muitos em um só
Cindida a tristeza.

Não o amor de um só em muitos
É uma felicidade eterna.

— IX —

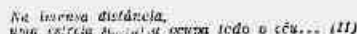
Com que facilidade
O corpo tranqüilo
Fica turvo, quando os ventos sopram!

Não, amigo!
Não procura a felicidade
Nas coisas que passam.

Tradução de M. L.
Ilustrações de Enola

—X—

E o pensamento não te atormentar.
 Quando o teu coração estiver calmo,
 cheio de um amor puríssimo,
 então, ó amigo,
 além da ilusão das palavras,
 viverás de descobrir um mundo.



Il est évident que le
Le... est en fait...

— 31 —

— XII —

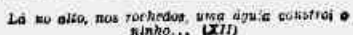
Toda uma travessia entre as montanhas,
bondeiras longas estendem-se através da verde su-
perfície do vale.

— XIII —

Eu vi as flores que desabrochavam
Nas horas escuras de uma noite inalteravel.

— XIV —

Para que a lista na solidão da desunião?
Na vida não existem tu, nem existe eu.



— XVI —

Então, amaras o galho elegante,
Amaras a folha nova e a folha murcha,
O broto tímido, a flor desabrochada,
A pétala caída e o tempo que se balança.
A sombra espandida de um amor completo.
Ah, ama a vida em sua plenitude.
Essa plenitude não conhece declínio.

— XVII —

A morada da vida
É no coração do homem.

— xviii —

Oh. Amor.

"A CANÇÃO DA VIDA" DE

— XXII —

Eu e tu andaremos.
Nos estradas luas do verdadeiro amor.
Eu e tu nunca nos deixaremos.

— XIX —

Vivi o bem e o mal das mulheres.
E o amor e o amor se tornou escuro.
Cada vez a amizade e a imortalidade dos homens.
E a vida em seu pensamento se tornou cruel.
Tudo passou a tristeza e na solidão das mulheres.
Eu sou o que a vida se tornou penoso.
Fugiu, na corrida dos ambiciosos.
E a vida da vida me apareceu vã.
E agora eu penso a secreta intenção do desejo.

— XX —

No teu coração que transborda
Dá-me entrar a tristeza.
E a alegria que ela te trará será abundante.

Como os rios crearem
Depois das grandes chuvas
E as pedrinhas tornam outra vez a alegrar-se
No sussurro das águas que correm,
Assim, vagando ao longo dos caminhos,
Hás de encher o vazio que cria as apreensões.

A tristeza desdobrará a tela da vida,
A tristeza dará a força da solidão.
A tristeza abrirá para ti
As portas fechadas do teu coração.

O grito da tristeza é a voz da realização
E a alegria que nela encontra
É a plenitude da vida.

— XXI —

Não olho para ninguém além de Ti,
Oh, Bem-Amado!

Tu nasceste em mim.
E olha, aí
Eu tenho o meu refúgio.

Tenho lido sobre Ti muitos livros.
Dizem-me eles
Que existem muitos como Tu.
Que muitos templos são construídos para Ti,
Que há muitas ritas
Para te invocarem.

Mas eu não tenho íntima comunhão com eles.
Porque todos eles são apenas as cascas
Dos pensamentos das mulheres.

Oh, amigo!
Procura o Bem-Amado
Nos segredos recessos do teu coração!
Morto está o tabernáculo
Quando o coração deixa de agitar-se.

Não olho para ninguém além de Ti,
Oh, Bem-Amado!
Tu nasceste em mim.
E olha, aí
Eu tenho o meu refúgio.

Em Ti somente.
Oh, meu eterno Amor,
Posso eu contemplar a face
De todos os vivos e de todos os mortos!

Meu irmão morreu.
Nos tiramos como duas estrelas num céu nublado.

Ele era como eu.
Queimado pelo sol ardente.
Na terra varrida pelas doces brisas.
Na terra em que as palmeiras se balançam.
Na terra dos rios frescos.
Onde há sombras inmutáveis.
De pequenas coloridas, pássaros tagarelas;

Na terra em que a copa verde das árvores
Reflete sob o sol brilhante;
Em que existem arcas de ouro
E rios azuis e verdes;

Na terra em que o mundo vive sob o peso da luz
E as coisas torram sob a ação do sol;
Em que os campos de arroz de uma verde brilhante
São succulentos nas águas lodosas.
Em que os corpos nus brilham,
Bronzeados,
Livres na luz fulgurante;

Na terra
Em que a mãe, na beira das estradas, dá de mamar
Ao filho

Na terra do amoroso devoto,
Que oferece alegres flores;
Na terra do santuário na margem dos caminhos.

Na terra do silêncio intenso,
Da enorme paz,

Ele morreu.

Chorei-o na solidão.

Para onde quer que eu fosse, ouvia a sua voz
E o seu sorriso feliz.
Procurava o seu rosto
Em cada transeunte.
E perguntava a cada um deles se havia encontrado
O meu irmão,
Mas nenhum deles pôde consolar-me.

Eu adorei.
Eu rezei.
Porém os deuses permaneceram silenciosos.
Não pude chorar mais.
Não pude mais sonhar.
Procurei-o em todas as coisas,
Em todos os climas.

Ouvi o sussurro de muitas árvores,
Chamando-me para a sua morada.

E então,
Em minha pesquisa,
Eu te contemplei, oh, Senhor de meu coração.
Em Ti somente
Vi o rosto do meu irmão!

— XXIII —

Eu te digo
Que a ortodoxia se estabelece
Quando o espírito e o coração começam a decair.

Como os poços tranquilos da floresta
Dormem escondidos sob um manto verde,
Assim, a Vida está coberta pelo acúmulo
Dos pensamentos do outono.

Como a folha mole se torna pesada com a poeira
Do verão que passou,
Assim é a Vida: ela se torna pesada
Com um amor que agoniza.

Quando o pensamento e o sentimento
Se acham cercados pelo pavor da corrupção,
Então oh, amigo,
Fica preso na escuridão
De um dia que morre.

Uma folha tenra está murchando
Na sombra de um grande vale.

— XXIV —

Como a flor guarda o perfume,
Assim te contendo eu,
Oh, mundo,
No meu coração!

Guarda-me dentro do teu coração;
Porque eu sou a Libertação.
A felicidade sem termo da Vida.

Como uma pedra preciosa
Se esconde na profundidade da terra,
Assim, eu estou escondido
Na profundidade do teu coração.

Embora não me conheças,
Eu te conheço muito bem.
Embora nada penses a meu respeito,
O meu mundo está cheio de ti.
Embora não me ames,
É o meu amor inalterável.
Embora tu me adores
Em templos, igrejas ou mesquitas,
Eu sou um estrangeiro para ti.



O idílio resplandecente,
parecendo morrer-se,
canção de leis adoração limitadas... (XVIII)

Mas tu és o meu companheiro eterno.

Como as montanhas protegem
O vale sereno,
Assim eu te cubro,
Oh, mundo,
Com a sombra da minha mãe.

Como as chuvas veem
Para uma terra seca,
Assim, oh, mundo,
Eu venho
Com o perfume do meu amor!

Conserva o teu coração
Puro e simples,
Oh, mundo!
Porque então eu serei bem-vindo para ti.

Sou o teu amor,
O desejo do teu coração.

Conserva o teu espírito
Claro e tranquilo,
Oh, mundo!
Por é nisso que está a tua compreensão.

Sou eu o teu entendimento,
A plenitude
Da tua própria experiência.

Eu estou no templo,
Esou à margem do caminho.
Observando as sombras que se movem
De um lugar para outro.

— XXV —

A razão é o tesouro do espírito,
O amor, o perfume do coração.
Ambos são de uma mesma substância,
Mudada, embora, de diferente maneira.

Como uma medalha de ouro
Tem duas imagens,
Separadas por uma delgada camada de metal,
Assim, entre o amor e a razão
Encontra-se o equilíbrio do entendimento,
Aquele entendimento
Que é de ambos — do espírito e do coração.

Oh, Vá! Bem-Amado!
O amor eterno só existe em ti,
Só em ti existe o eterno pensamento!

— XXVI —

Como a falsa
Que há de dar calor
Está escondida entre as cinzas escuras,
Assim, oh, amigo,
A luz
Que há de guiar-te
Está escondida
Sob a poeira
Da tua experiência.

— XXVII —

Oh, amigo,
Tu não podes escrever a Verdade!

Ela é como o ar,
Livro sem linhas,
Indestrutível,
Imensurável.

Não tem moradia,
Templo, nem altar,



Não tenho refúgio:
Sou como as águas errantes... (XV)

